

BRASIL-PORTUGAL

16 DE OUTUBRO DE 1907

N.º 210

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjô.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

Sua Magestade a Rainha Senhora D. Maria Pia



Passa hoje o anniversario natalicio da Rainha Senhora D. Maria Pia, por cujas felicidades o BRASIL-PORTUGAL faz os mais ardentes votos. Publicando o seu retrato esta Revista presta uma homenagem modestissima á Augusta Mãe do Rei de Portugal, áquella que é rainha entre rainhas e que da bisarra caridade fez um braço de honra. Embora insignificante queremos juntar assim a nossa voz á do paiz no qual Sua Magestade sabe que pôde contar com a sympathia de todos e com o carinho da maior parte.



Conselheiro Julio Marques de Vilhena

Antigo ministro, par do reino, conselheiro d'Estado, jurisconsulto de valor, escriptor de raça, publicista dos mais cultos e profundos, estadista que vinculou o seu nome a obras uteis, parlamentar cuja eloquencia inconfundivel lhe dá um logar áparte entre os grandes oradores da nossa tribuna politica, espirito sereno, ponderado, ao mesmo tempo energico e prudente, caracter sem mancha, individualidade proeminente, tal é o homem que o partido regenerador acaba de eleger seu chefe, tal é a personalidade politica a quem hão de ser confiados, n'um futuro breve, os destinos da patria portugueza. O "Brasil Portugal,, felicita o partido regenerador e saúda o seu chefe.

VIDA ELEGANTE

EM EVIDENCIA

Quasi de um anno para outro, como desabrocham as flores, deixámos de a ver brincando entre os *babies* da nossa aristocracia, e passámos a vel-a valsando, entre as mais elegantes senhoras que frequentam o *Sporting*!

E se, na primeira phase, era uma gentilissima creança, na segunda é uma interessantissima senhora, destinada ao logar mais



A sr.ª D. Maria Luiza de Lencastre (Alcaçovas)

(Cliché de Vidal & Fonseca, Lisboa).

proeminente, pelo nome, pela distincção, pelo *charme*, que d'ella irradiam.

Esguia, loira, pallida, tendo em supremo grau a arte de se vestir e de adaptar as modas, e a de ser fidalga sem *pose*, representa bem uma raça que se tem vindo a apurar, desde ha seculos, pela nossa historia adeante.

Por isso, quando a vemos passar, na elegancia suprema das suas *toilettes dernier cri*, só temos pena de não sermos d'Annunzio para a descrever, Tanagra para a copiar, ou, pelo menos, a Doucet de Paris, para lhe pedir... que fosse nossa fregueza.

Simplicissimus.

EM FÓCO

Magnifica presença. Alto, robusto, d'uma rara elegancia, veste com suprema correcção. De finissimo trato, esmerada educação, lhano e cortez, a todos prende e captiva pelos seus doctes de espirito.

Cultivando com ardor diferentes ramos de *sport*, fallando varias linguas, insinuante e modesto, é um perfeito *gentleman*.

Typo de verdadeiro marinheiro. Valente, extremamente brioso, disciplinador, professando um culto fervoroso pela farda que veste e que tão bem lhe assenta, honrando-se a si e a patria que tão acrisoladamente ama e respeita, Boaventura Mendes d'Almeida — tão novo ainda — pôde ufanar-se de ser um dos mais distinctos officiaes da nossa armada.

Qualidade predominante: Força de vontade a toda a prova, tenacidade inegualavel. — Os seus brilhantes serviços no Ultramar, de



Boaventura Mendes de Almeida

(Cliché Lazarus — Lourenço Marques).

todos conhecidos, valeram-lhe a justa recompensa da sua nomeação para governador da Madeira.

Facil é, pois, prophetisar-lhe um largo e brilhante futuro. Boaventura de nome, que a boa fortuna o acompanhe sempre, como merece.

Scorramm.

UMA RECITA ELEGANTE EM CINTRA



D. Amelia Burnay Morales de los Rios — D. Maria José Trigo Ravara — D. Maria Thereza Ornellas — D. Amelia, D. Josephina, D. Carmen e D. Assumpção Morales de los Rios — D. Clotilde e D. Jenny Valle Flor — D. Maria das Dores de Mello e Castro (Galvês) — D. Maria de Lencastre e Tavora (Abrantes) — D. Maria Thereza Briffa — D. Laura Davidson Serodio (Sabrasa).
Guilherme Ribeiro — Eduardo Maria Cardoso — Guilherme de Brito Chaves — José de Vasconcellos (Figueiró) — D. Manuel d'Almeida Mello e Castro (Galvês) — Alfredo Abreu.

A Liga Promotora dos Melhoramentos de Cintra

Constituiu-se ha pouco com este titulo uma sociedade, cujo fim patriótico é promover os melhoramentos indispensaveis em Cintra, para que esta pittoresca estancia seja o que requer a sua privilegiada e unica situação entre os mais bellos sitios da Europa.

Conforme os iniciadores d'este bello movimento muito propositadamente accentuaram na sessão inaugural da Liga não se trata apenas da realização de um melhoramento local, inspirado pelas bellezas sem par d'esse Eden, immortalizado por Byron no seu *Child Harold*, mas sim do começo de execução de um vasto plano tendente a valorisar economicamente o capital opulento, que a natureza com mão prodiga nos doou e que por um criminoso desleixo até agora temos votado ao mais completo desprezo.

Sob pena de perdermos ante o mundo culto o direito de sermos os usufructuarios das riquezas naturaes de que temos um monopolio natural, cumpre-nos pôr essas riquezas ao alcance de todos, tanto mais quanto é certo que d'esta fórma tiraremos para o paiz incalculavel beneficio. Como muito bem o diz a Liga, Cintra é não só a porta por onde o estrangeiro entra em Portugal, mas o objectivo principal que n'um grande numero de casos aqui o traz.

Muitos que por esse mundo fóra pouco ou nada conhecem da nossa terra, sabem apesar d'isso que ha uma Cintra, um pedaço de paraíso como lhe chamou o grande poeta inglez, cuja visita só por si paga e recompensa os incommodos e as despesas de uma longa viagem. E no entretanto esses



Liga Promotora dos Melhoramentos de Cintra

À PORTA DOS PAÇOS DO CONCELHO

Conde de Burnay, seu filho Eduardo e dr. Alvaro de Miranda Pinto de Vasconcellos

viajantes ao chegarem aqui encontram um sitio sem agua, sem luz, sem hotéis dignos d'este nome, mal servido de comboios, sem um parque publico na terra dos mais formosos parques do mundo, sem um casino, sem nenhum dos attractivos emfim, que, fixando-os por alguns dias, os obrigariam a deixar aqui parte d'esse dinheiro, que por culpa nossa e nossa incuria, elles vão gastar em outras estações do continente, que nenhuma comparação em bellezas naturaes podem ter com a nossa privilegiada Cintra.

E' preciso que esta vergonha nacional cesse por interesse do paiz e para honra do nosso nome de gente civilisada.

A Italia explora as suas ruinas. A Suissa explora as suas montanhas. A Escocia explora os seu lagos. A Noruega explora os seus *fjords*. E a propria França e a Allemanha, centros de uma poderosa industria, auferem avultadas receitas dos excursionistas que as visitam e teem elevado á categoria de verdadeiros serviços de utilidade nacional tudo quanto se refere ao modo de atrahir os estrangeiros, que representam a riqueza, a vida, e são um elemento hoje insubstituivel nos orçamentos d'esses paizes, cuja economia publica tanto lhes deve.

Porque não havemos nós de fazer o mesmo em Cintra, que seria apenas um inicio, mas que só por si significaria já tambem uma solução? Pois vae-se, arrostando com os incommodos e com os perigos mesmo de



Liga Promotora dos Melhoramentos de Cintra

A GRANDE COMMISSÃO

Conde de Mesquitella — Conde de Caria — dr. Antonio A. de Carvalho Monteiro
— Consiglieri Pedroso —
dr. Ardisson Ferreira — D. Francisco d'Almeida e dr. Eusebio Leão

uma longa viagem até ao cabo Norte, para assistir ao espectáculo do "sol da meia noite", e não se faz a facil excursão a Cintra para vêr do alto do Castello dos mouros um luar de verão, que não tem par em sitio algum da terra?...

Patriótica é pois, a iniciativa do grupo que fundou a *Liga Promotora dos Melhoramentos de Cintra*, e muito lhe deve desde já o paiz em reconhecimento.

PROVERBIOS ITALIANOS

Nos homens todos os peccados mortaes são veniaes; na mulher qualquer peccado venial é mortal.

A quem vela tudo se revela.

Quem tem amor no peito tem espora á ilharga.

A quem compra não chegam com olhos, a quem vende basta um só.



Liga Promotora dos Melhoramentos de Cintra

À PORTA DOS PAÇOS DO CONCELHO
Carruagem do Conde de Valle Flór

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

XXXIV

O outomno faz a sua entrada com trovoadas e chuva. Continua a animação nas praias e a sensaboria em Lisboa. A estação de incenso é inaugurada nos armazens de modas para gaudío das lisboetas e desespero dos maridos. — S. Carlos e o Colyseu. — Política: a vindima progressista, a chefia regeneradora e a marcha da dictadura. — Ainda o descanço semanal. Descobre-se que este resolve o grave problema da plectora do vinho. Um caso do tempo de Carlos Magno.

Com trovoadas horriveis e chuvadas que produziram inundações e outros estragos de importancia, mormente na linda praia da Nazareth, onde montanhas de areia obstruíram todo um bairro, trazendo a miseria a muito lar, o outomno fez a sua apparição. Mas como os primeiros golpes de frio ainda veem longe e os dias estão bonitos, por esse littoral vae uma animação extraordinaria. Assim, Cascaes, os Estoris, Paço d'Arcos, etc. regorgitam. O mesmo succede na Figueira da Foz, na Povoá, em Villa do Conde.

Lisbõa não está ainda animada. Falta muita gente. O Chiado offerece as suas esquinas vagas á hora elegante da pasmacceira e os *fautouils* e camarotes dos theatros ficam vasilios, á espera dos retardatarios. Nos grandes armazens de modas começam os estendões das bellas coisas que as garridas lisboetas disputam n'uma ancia de catitismo, com desespero dos pobres maridos de mão certa e incerta, que teem, n'este terrivel periodo que vae da abertura da estação de inverno ao pagamento da renda de casa, a *étape* mais dolorosa do seu *raid* matrimonial, para o qual aprouve á Divina Providencia offerecer um grande premio — soffrer e calar.

Nada se sabe, por ora, de S. Carlos, e bom é. As más novas, quanto mais tarde vierem, melhor. Nem mesmo as *Novidades*, que todos os annos faziam inconfidencias interessantes sobre o elenco do theatro lyrico, piaram ainda a menor informação. Pelo visto trabalha-se ás escondidas. O Segurado, das touradas de Algés, tambem é de opinião que o segredo é a alma do negocio. E ganha um dinheirão com as *niñas* toureiras e outras manigancias de sensação. Contractem-se para S. Carlos *niñas* cantoras, um intervalleiro que urre de tenor e um grupo de forcados para os coros e deixem fal-



Liga Promotora dos Melhoramentos de Cintra

À PORTA DOS PAÇOS DO CONCELHO
Carnagem de Collares Pereira

lar quem falla. Se calhar, venha a *Reverte* para fazer em *travesti* o D. José da *Carmen* e o successo seria superior ao do *O' da Guarda!*

Não por uma associação de idéas — que não podia dar-se n'esta circumstancia — mas por uma associação de commendadores, vem a péllõ registrar a abertura do Colyseu dos Recreios sob a direcção do sr. Antonio Santos. Não fui lá, nem irei, porque não me distraio nos *cavallinhos*. Mas os outros mortaes gostam a valer do espectáculo e a elle concorrem com enthusiasmo. D'elles tenho ouvido as melhores referencias á companhia e á constituição dos espectaculos, que o empresario, conhecedor do publico como dos seus proprios dedos, sabe organizar como ninguem, valha a verdade. Para lá tem corrido em massa a pouca gente que por cá está, esperando

peças de sensação nos theatros, a animação nos clubs e centros de cavaco, a volta das familias de distincção que recebem, esperando, emfim, que a elegancia e o bom tom "regressem á normalidade constitucional", como agora se diz a proposito de tudo — até da dictadura.

A qual dictadura, diga-se de passagem, está rija e fera, não direi capaz de outra porque se sente muito capaz ella propria. Os jornaes que bebem da fina ambrosia do Olympo garantem sem reboço que a teremos por muitos e bons annos, para regalo dos frequentadores da Havaneza e do Martinho, que carecem de situações anormaes para justificarem as suas preciosas existencias de patriotas e criticos e para gaudío dos revisteiros, que decididamente



Liga Promotora dos Melhoramentos de Cintra

À PORTA DOS PAÇOS DO CONCELHO

José Luiz Heitor, Collares Pereira, Augusto Rodrigues e Raul Lino

tomaram o sr. João Franco á sua conta, e até por signal muito mal aproveitadinho.

De novo, sobre politica, sabe-se: por parte do partido progressista, que o seu illustre chefe, o sr. conselheiro José Luciano de Castro, está no lavar dos cestos, que ainda faz parte da sua vindima, como de todas. S. ex.^a parece estar muito satisfeito com a colheita d'este anno, muito superior ás dos annos anteriores, e attribue tal abundancia á celebre reunião politica da Anadia, na qual os marechaes da sua hoste aguerrida puzeram em pisa as uvas... do governo. Outrosim, foi deliberado na reunião realisada na formosa Anadia que em novembro proximo voltem a reunir os alludidos marechaes, para provarem a agua-pé, e que, no caso provavel de a acharem na conta, se realice logo a seguir um grande banquete — "para maiores expansões." Vae ser, naturalmente, como diz o sr. Silva Canellas, "de caixão á cova."

Os regeneradores, em sessão magna no centro da rua do Norte, aclamaram chefe o sr. conselheiro Julio Marques de Vilhena. Esta aclamação, que veiu substituir uma eleição que deveria ser renhissima, deveu-a o partido á abnegação de um dos seus homens mais illustres, o conselheiro Antonio Teixeira de Souza, que sacrificou a sua natural e justificada ambição do posto supremo do partido á unidade e cohesão d'este. Acabou tudo em bem, á boa paz, como era mister, por motivos que toda a gente reconhece, por pouco regeneradora que seja.

E relativamente a politica — disse. O sr. conselheiro João Franco continua sendo, perdõe-se-nos o plebeismo — um bombo n'uma festa. Mas s. ex.^a pouco ou nada se importa com as tremendas pancadas da maçaneta, e mostra-se disposto a ir "para a frente", em cumprimento da sua palavra e satisfação do seu capricho. Onde s. ex.^a irá parar não o sabemos nós, nem talvez o proprio sr. João Franco. Ha de ser onde Deus Nosso Senhor quizer. Pouco viverá quem não chegar ao termo da viagem. O carro do governo vae a nove. Oxalá não haja engano de agulha...

Nota um jornal o que, de resto, todos nós já notámos: ser muito maior o numero de bebedeiras dominicaes desde que foi estabelecido o descanço semanal. E pergunta attonito o jornalista, como pôde isto ser, fechando as tabernas aos domingos.

Valha-nos Nossa Senhora da Agrella, que não ha outra como ella! Fecham as tabernas mas não fecham os *restaurants*. E como *restaurants* são classificados não só esses estabelecimentos, mas tambem as tabernas cujos proprietarios requeiram licença de "casa de pasto", obrigando-se a ter sobre o balcão e a respeitosa distancia do casco de carrascão, seis pastéis de bacalhau e um pãozinho em fatias — para beberdo vêr. E o vinho é bebido, por uns, na quantidade que ingeriam antes d'esta maravilhosa invenção; por outros, em quantidade superior, porque está scientificamente provado que

a exhibição de um pastel de bacalhau a seis passos do bebedor exerce sobre este tal influencia, que o decilitro normal cede fatalmente a vez ao meio litro das solemnidades.

Este caso de beber por apenas ver a comida e não por a ingerir, é velho. Conta-se que no tempo de Carlos Magno, tres borrachões de marca apostaram entre si que pagaria o vinho que os tres bebessem em quantidades eguaes, aquelle que maior porção de comida precisasse para fazer lastro ao liquido.

Foram os tres a uma taberna onde o havia do bom e pediram outros tantos cangirões de vinho. O taberneiro serviu-os e ficou-se ao balcão, aguardando as ordens dos freguezes relativamente a comedorias.

Fez-se um silencio solemne. Por fim, um d'elles, disse ao dono da casa:

— Dê-me vossemecê uma azeitona.

— Prompto!

O homem trincoou a azeitona e collocou sobre o balcão o caroço. Engulido o pequeno fructo, cangirão á bocca e elle ahi vae.

O segundo beberrão não ficou desconcertado com o caso e pegando no caroço da azeitona, chupou-o, e catrapuz! — cangirão esvasiado.

Então o terceiro, virando-se para o segundo, disse-lhe:

— Diz-me aqui ao ouvido: azeitona. — E pegou no cangirão, levando o á gulosa bocca.

O outro repetiu:

— Azeitona!

Bumba! O terceiro cangirão foi virado.

Ora os tempos não mudaram. Os homens são os mesmos. Apenas o vinho é peor, mas está provado que isso não obsta ao largo consumo; pelo contrario.

E fique-se o meu attonito camarada com esta, que não fica mal: — Se no tempo de Carlos Magno havia tal que bebia um cangirão de vinho só por lhe dizerem ao ouvido: azeitona, — hoje ha quem, só por ouvir falar em descanço semanal, fique a cahir de bebado!

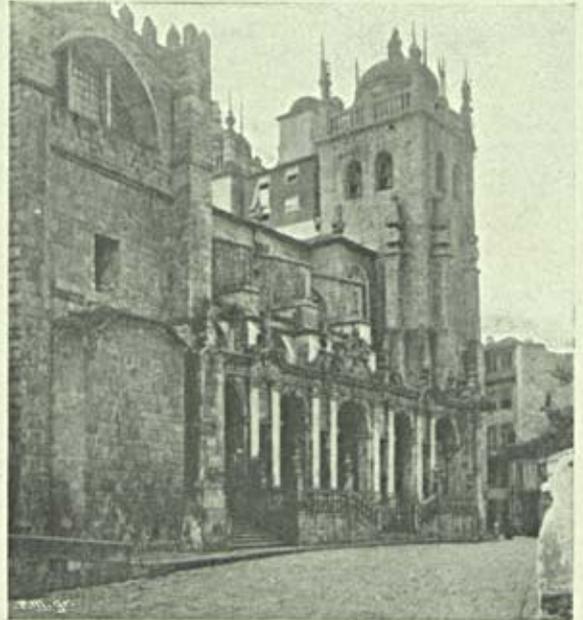
CAMARA LIMA.

A Sé Cathedral do Porto

É sempre interessante a contemplação archeologica e artistica de um monumento religioso, que revela a magestade dos seculos e a poesia das tradições. A sé cathedral do Porto começa por ser mysteriosa na sua fundação, pois se dermos credito ao parecer de que na época em que os suevos estabeleceram o *Castrum Novum*, no alto da Penaventosa, assim começou o burgo do Porto, na margem direita do rio Douro, e se acceitarmos a opinião de que o elemento religioso principiou a consolidar-se no tempo do

primeiro bispo, Constancio, devemos concluir que é desde esse período historico, tão confuso, que se edificou a sé do bispado.

Depois vieram as luctas tormentosas com os arabes e a destruição como effeito das invasões; mais tarde, porém, foi o nucleo da população renovado e defendido pelos gascões e com esse restabelecimento deveriam vir tambem o culto e altares, portanto a cathedral; por ultimo, quando o conde D. Henrique se estabeleceu



A Sé cathedral do Porto — Entrada lateral

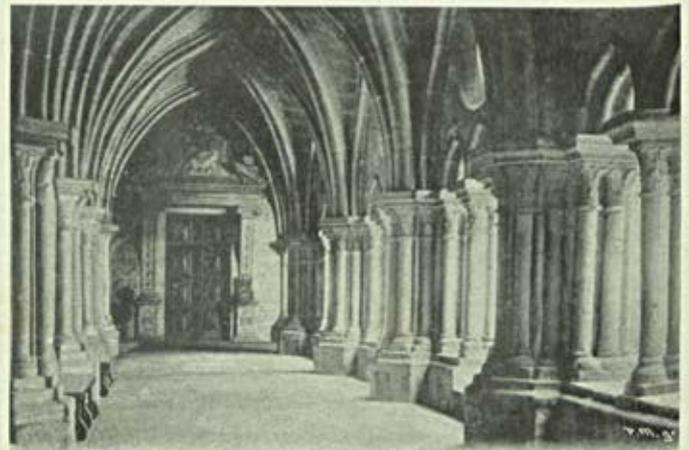
entre nós e casou com D. Theresa, filha de Affonso VI, é que se conhece com toda a segurança, que foi a liberalidade piedosa d'esta princeza que reconstruiu ou quasi levantou por completo a edificação da sé do Porto. D'ahi por deante, a iniciativa dos bispos e a acção do cabido nos espaços de *sede vacante*, é que veio ampliando o edificio, e, ao sabor das épocas que succediam, desenvolvendo as remodelações.

O prelado D. João III dotou a sé com o claustro gothico em 1385, sendo auxiliado pelo municipio do Porto e mais tarde pelo cabido que veio completar essa construção de 304 columnas com a collocação de apparatusos azulejos.

D. Gonçalo de Moraes levou o seu arrojo em 1609 até á construção de uma nova capella-mór, estylo renascença, com amplo retabulo de entalha dourada, magnificas grades de bronze, opulentas cadeiras coraes, tribunas, orgãos, e mais longe iria na reconstruc-



A Sé cathedral do Porto — A fachada principal!
(Clichés de Alberto Ferreira — Porto).



A Sé cathedral do Porto — Os claustros

ção de todas as naves do templo, se algumas difficuldades não tivessem surgido impertinentes a sustar a sua rasgada generosidade.

Morto este prelado o cabido continuou com algumas obras exteriores e concluiu em 1717 a galeria externa do lado do poente. E' tambem do seculo xviii a soberba sacristia com optimos arcazes, respresiosos, espelhos, altar e relógio, sobre o qual se vê uma notavel pintura da Virgem-Mãe, que se attribue a um pintor ita-

lano celebre, assim como é antiga tradição que o plano geral da igreja á de um architecto, Valentim, discipulo de Miguel Angelo.

A frontaria do templo com a vistosa rosacea, duas torres guardadas com balaustrada e terminadas em cupulas de granito, as guarnições internas onde predominam os degraus, pavimento e almofadas de marmore de varias côres, os dezoito altares distribuidos pelos vãos das tres naves, dão á cathedral uma feição interessante de opulencia, principalmente quando se visita a capella do Sacramento com o notavel altar de prata, obra de um lavrante portuense, feita em 1792.

O celebrado pintor portuense, Joaquim Raphael, pintou em tempo, para a decoração da sé do Porto, um quadro historico de alto valor que tinha por assumpto a sublevação patriótica dos habitantes da cidade, em 7 de junho de 1808, contra o jugo da primeira invasão franceza: unica revelação patriótica em que n'aquelle santuario se alliavam, em manifestação artistica, as gloriosas tradições nacionaes ao espirito religioso.

O conjunto da construção architectonica do templo e as suas variadas decorações, mostram as épocas em que foram realizadas e por vezes o mau gosto e o desgraçado effeito de mal estudadas remodelações, o que é vulgar nas cathedraes portuguezas em parte arruinadas pelo tempo e tambem pelos homens!

F. J. PATRICIO.

Assumptos taurinos



Assumptos taurinos — O cavalleiro Joaquim Alves
(Cliché de Carlos Silva, amador).

Publicamos hoje o retrato de Joaquim Alves, notabilissimo e primoroso cavalleiro que, depois de seis annos de afastamento das lides do toureio, reapareceu na praça de Cascaes, no dia 3 do corrente, toureando magistralmente o que lhe valeu uma justa e calorosa ovação.

Tambem publicamos tres instantaneos referentes a assumptos taurinos passados nas propriedades de Luiz da Gama, em Obidos. Estes tres instantaneos foram tirados pelo afamado matador de



Assumptos taurinos — Nas propriedades de Luiz da Gama (1)
(Clichés de Ricardo Torres (Bombita), amador).

touros Ricardo Torres (*Bombita*) e cedidos ao *Brasil-Portugal* pelo sr. Carlos Iglesias Vianna.

O primeiro representa a escolha do curro para a corrida de 7 de julho, em Madrid, á qual estão assistindo o *aficionado* hespanhol

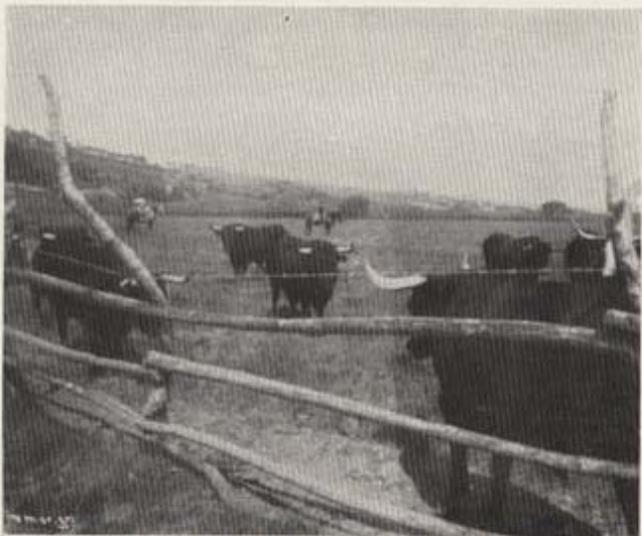


Assumptos taurinos — Nas propriedades de Luiz da Gama (2)

D. Arsenio Cebrian, Conde de Redondo e de Vimioso, Arthur Telles, Carlos Iglesias Vianna e Fernando Campillo.

O segundo representa os touros da celebre corrida e entre elles o *Gaditano* que na mesma se tornou deveras notavel.

No terceiro vêem-se diversos touros guardados a distancia pelos campinos.



Assumptos taurinos — Nas propriedades de Luiz da Gama (3)

Primeiros versos

Lembro-me bem, com intima alegria,
Quando meu pae nos joelhos me assentava
E, rindo do meu espanto, me ensinava
A rimar as palavras que dizia.

E com tal precisão eu acudia
A's rimas que o acaso preparava,
Que elle batendo as palmas me acclamava
E eu, orgulhoso do meu éstro ria!...

Hoje que o fazer versos — triste officio! —
Se tornou para mim quasi n'um vicio,
Ao recordar o tempo que lá vae ..

A mim proprio pergunto tristemente:
«Porque não rirci como antigamente
«Assentado nos joelhos de meu pae?»

Gomez Sanchez.



Regatas em Cascaes. — Sua Alteza o Senhor Infante D. Affonso e Guilherme Ferreira Pinto Basto a bordo do «Dragão»

Regatas em Cascaes

Referem-se ás regatas do dia 29 de setembro os instantaneos que hoje publicamos.

D'essas regatas promovidas pelo Real Club Naval e por este ganhas contra o Oporto Boating Club não fallaremos por serem já conhecidas dos leitores pelos jornaes diarios.

Tambem damos o retrato do sr. Jayme Thompson, um *sportman* distincto e um dos principaes organizadores das regatas, cuja dedicacão e tenacidade foram premiadas pelo Real Club Naval com um collar de prata com medalha de ouro, tendo de um lado as armas do Club e do outro a legenda "Ao merito e valor do sr. Jayme Thompson."

O pintasilgo

O pintasilgo (*Carduelis elegans*), tambem conhecido pelos nomes vulgares de *milheiro galante* e *pinta cardeira*, é, sem duvida alguma, a mais bella, a mais esbelta e a mais interessante de todas as nossas aves cantoras.

Reune á formosura da plumagem, onde o negro de reflexos velludos se casa com o amarello vivo e com o branco, uma excepcional elegancia de fórmas, uma constante vivacidade, uma docilidade sem igual e uma intelligencia incontestavel.

E, sobre tudo isto, o seu canto só encontra rival no do rouxinol, no da melodiosa toutinegra ou no do pisco.

O pintasilgo, apanhado novo, domestica-se com toda a facilidade,



Regatas em Cascaes. — As «equipes» do «Oporto Boating Club» e do Real Club Naval
(Cliché de A. C. Lima).

ligando-se apaixonadamente á pessoa que d'elle tratar, e aprendendo com rapidez habilidades varias desde o fingir-se morto, o disparar um reduzidissimo canhão apropriado, e o extrahir com o bico pequeninos bilhetes dobrados encerrados em um caixinha, até, quando a sêde se faz sentir, com um diminuto balde tirar agua de um recipiente cheio d'este liquido e disposto ao lado da gaiola, abrir a caixa onde estão encerrados os alimentos, etc.

Dotado da um prodigioso talento de architecto, servindo-se das patas e do pequeno bico de marfim, construe em tres dias, com aprimorada industria, um ninho que é uma maravilha de perfeição e solidez, vestindo-o externamente de musgo e finas hervas sêccas e, internamente, de macia lanugem vegetal, de crina e de pelles dos mamiferos que encontra pelas estradas ou junto das habitações.

Este ninho, em forma de taça, ora o esconde nos sitios tuffosos, ora o dispõe entre os ramos das arvores, ora o fixa na extremidade do alto ramo de qualquer arvore, de fórma a ser docemente embalado pelo sôpro da viração.

N'este ninho depõe a femea quatro a cinco ovos, um pouco oblongos, de um branco levemente azulado ou esverdeado, com alguns pontuados isolados côr de telha, pontos que se mostram mais agglomerados e de mistura com diminutas manchas de um pardo carregado, na parte mais larga do ovo, que mede alli 0",013 e na parte mais fina 0",17.

E' a femea que choca e cuida dos filhos, e só quando ella morre no primeiro periodo intenso da creacão é que, então, o macho a substitue, tendo-se mesmo verificado casos de uma femea de ninho estranho, mas installado proximo, sustentar e cuidar dos pequeninos orphãos pelo inesperado desapparecimento da pintasilga mãe.

O pintasilgo, no estado domestico, cruza-se facilmente



Regatas em Cascaes. — Uma volta á balisa pelos barcos dos marinheiros da armada

com canarias e, melhor ainda, com as serezinhas, dando assim origem a mestiças, que são estereis mas, que, embora de plumagem desbotada, possuem um canto mais suave, mais demorado e de uma doçura especial.

Dão-se bem nos viveiros com os canarios, serezinhas, verdelhões e milheiros.

O pintasilgo é uma ave util, que merece ser protegida, por isso que se nutre de sementes de vegetaes nocivos e principalmente das sementes do prejudicialissimo cardo.

Só quando em absoluto lhe faltam as sementes dos vegetaes que apontamos, é que vem para junto da habitação do homem á busca de sementes varias que lhe mitiguem a fome, sementes que generosamente paga com cantares alegres, que são a suave delicia dos nossos ouvidos.

A paciencia é a chave da alegria.

A mão do tzar não tem mais de cinco dedos como a dos outros mortaes.



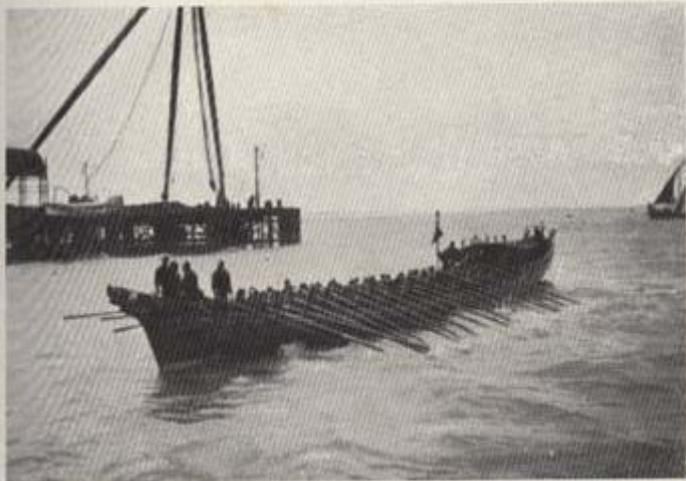
Regatas em Cascaes
Jayme de Vasconcellos Thompson,
um dos principaes
organizadores das regatas
(Cliché de J. Coutinho — Lisboa).

Viagem do Principe Real

Regressou já a Lisboa sua Alteza o Principe Real Senhor D. Luiz Filippe.

D'essa viagem, sem duvida muito util para sua Alteza e certamente muito proveitosa para as nossas colonias, que não podem deixar de ver na presença do joven principe uma prova evidentissima do interesse que a metropole lhes consagra, muito se tem occupado o *Brasil-Portugal*, publicando diversas gravuras acerca do assumpto.

Por um lado a falta de espaço por outro a abundancia de photographias, todas tão interessantes que não é facil a escolha, dão



Viagem do Principe Real

Regresso de Sua Alteza. — A galeota real conduzindo para terra o Senhor D. Luiz Filippe

(Cliché de A. C. Lima).

causa a que ainda hoje nos não seja possível terminar este capitulo, a que o *Brasil-Portugal* deseja dar todo o desenvolvimento, não só em attenção á importancia do assumpto como tambem por consideração para com os numerosos assignantes que esta Revista conta na Africa.

Hoje damos alguns instantaneos da estada de Sua Alteza na Beira e nos territorios de Manica e para o proximo ou para os proximos numeros ficarão varios aspectos da visita do Senhor D. Luiz Filippe a Lourenço Marques, Quelimane, S. Thomé, etc.

Já que fallámos d'este assumpto vem a proposito dizer que alguns dos nossos assignantes e agentes tem sido incansaveis em nos fornecer elementos para que o *Brasil-Portugal* fique sendo um magnifico archivo no qual, por meio da gravura, ficarão fixados alguns aspectos interessantissimos da viagem do herdeiro do throno.

Entre os primeiros devemos mencionar o sr. Alberto Santos Rodrigues, guarda livros da casa Ferreira Martins & Irmão, de S. Thomé, e entre os segundos seria ingratitude não especialisar o nome do sr. Antonio Francisco Ribeiro, thesoureiro da Companhia de Moçambique e um amigo dedicadissimo d'esta revista de que é agente na cidade da Beira.

Politica internacional

O grande acontecimento da quinzena, que a todos sobreleva na politica internacional, é a assignatura do accordo anglo-russo ou antes dos accordos anglo-russos, por isso que são tres as questões no recente tratado resolvidas amigavelmente entre as duas nações — a da Persia, a do Afghanistan e a do Thibet! — cada uma das quaes occupa no respectivo documento diversos artigos.

Chegou se a duvidar que o accordo entre S. Petersburgo e Londres se ultimasse; e não ha duvida que, embora por elle a Russia ganhe e bastante na Persia, antes da guerra russo-japoneza nunca o tsar teria ousado firmar semelhante documento. Os tempos, porém, mudaram e o que n'essa epocha teria parecido nas margens do Neva uma humilhação sem precedentes, foi agora acceto senão com entusiasmo pelo menos com alegria.

Conforme acima se disse, o accordo anglo-russo consta de tres partes — a que se refere á Persia, a que trata do Afghanistan e a que diz respeito ao Thibet. Pelas disposições que se referem á pri-

meira o imperio do Shah é dividido em duas esferas de influencia, uma norte, comprehendendo pouco mais ou menos dois terços do paiz, fica pertencendo á Russia, outra ao sul, nas vizinhanças do golpho persico, fica pertencendo á Inglaterra. Estipula-se para o futuro o regimen das concessões a fazer nas duas esferas e prevê se a hypothese de, por motivo da falta de cumprimento das actuaes obrigações financeiras por parte do governo persa, serem a Inglaterra e a Russia obrigadas a tomar a inspecção superior fazendaria em cada uma d'essas duas esferas respectivamente.

A proposito do Afghanistan a Russia declara que este paiz está fóra da sua esfera de influencia e compromette-se a sómente manter relações com o emir por intermedio da Inglaterra.

Finalmente, relativamente ao Thibet, as duas potencias contractantes compromettem-se a respeitar-lhe a integridade, a reconhecer sobre toda a região a alta soberania da China e a sómente por intermedio d'esta ultima potencia tratarem de qualquer assumpto politico com o Dalar-Lama.

Das restantes questões que na Asia anterior e no oriente europeu pôdem interessar as duas nações, não se faz no presente accordo nem a mais leve menção.

Considerado no seu conjuncto não ha duvida, que o accordo que acaba de ultimar-se é sobretudo favoravel para a Inglaterra. Por elle a Grã Bretanha acaba de fortificar a sua situação na Asia Central e na India, como pela aliança com o Japão fortificou a sua politica no Extremo-Oriente.

O Thibet permanece no *statu quo*, e por este lado consegue a Inglaterra, com um simples traço de penna, dar á India a melhor das defezas, que é completada com a nova posição dada ao Afghagnistan de estado vassallo do imperio anglo-indiano, pois sómente por intermedio do governo de Londres pôde a Russia, tratar com o emir. N'um momento o pesadelo da invasão da India pelos russos, que durante tanto tempo dominou a politica ingleza, desappareceu como que por encanto.

Mas não se limitam a estes os ganhos da Inglaterra. O littoral do golpho persico era de ha muito a ambição declarada do governo de Londres. Embora sem titulo algum official de posse, as esquadras britannicas vigiavam ciosamente aquellas aguas, d'onde procuravam afastar a dupla concorrência dos russos e a bem mais perigosa dos allemães. Pois tambem por um simples artigo do mencionado accordo, a Inglaterra fica senhora, sob o eufemismo de «esphera de influencia, de todo o littoral sul da Persia, e de uma importante parte do *hinterland* d'esta região. Não se dirá que sir Edward Grey tenha retirado com as mãos vazias da negociação, que a tão bom termo levou!

Mas se a Inglaterra ganhou tudo o que acabamos de vêr, quer isto dizer que a Russia perdeu no negocio e que o accordo firmado representa para ella uma derrota diplomatica? De modo nenhum.



Viagem do Principe Real

Sua Alteza na Beira. — Arco triumphal erecto pela colonia grega na rua Valsassina, junto á Companhia Agricola do Moribane

(Cliché de J. Wexelsen).

A Rússia tambem teve o seu quinhão, e nunca se provou melhor a justeza da celebre phrase de lord Beaconsfield, "que na Asia havia bastante logar para ambas as potencias."

Pelo novo accordo o tsar adquire a titulo de "esphera de influencia," todo o norte da Persia, incluindo a capital—Teheran—,

territorio contigua ao golpho persico e reservada para a Inglaterra, é apenas questão de tempo. A annexação final póde tardar um anno ou dez, mas é fatal, inevitavel.

Não deixa no entretanto de ser curioso como pódem as duas chancellarias em questão conciliar o respeito pela independencia de um paiz, que não obstante os erros e os vicios da sua administração quer ser livre, com a semcerimonia de o repartirem entre si, sem ao menos o consultarem!

É uma boa lição para os paizes fracos e mal governados, lição tanto mais eloquente e persuasiva quanto é dada em perfeito accordo por uma autocracia e uma democracia mancomunadas,



Viagem do Principe Real

Sua Alteza na Beira. — Ornamentações no recinto da alfandega



Viagem do Prinoipe Real

Comboio conduzindo Sua Alteza da Beira para Macequece

o que equivale a alcançar a suzerania indisputada sobre o Iah e sobre mais de dois terços do paiz. É preciso confessar que o sr. Isvolsky não conseguiu má compensação para a perda da Manchuria...

É verdade que no texto do tratado se falla ostensivamente na intenção de ambas as potencias respeitarem a independencia da Persia. Mas que valem estas palavras sacramentaes, que figuram em todos os documentos analogos? Tambem o Japão se obrigou ainda ha bem pouco tempo a respeitar a independencia da Corêa, e o resultado foi o que se viu

De facto a Persia deixou de ter existencia independente e a sua enta e gradual absorpção pela Russia, com excepção da facha de

para que o mundo fique sabendo bem que n'este seculo xx, em que vivemos, de pouco valem os principios quando os interesses falam...

O que significa no accordo anglo russo não se fazer a mais pequena allusão ao caminho de ferro de Bagdad, em que os dois paí-



(Fotó de J. Wexelsen).

Viagem do Principe Real

Chegada de Sua Alteza à estação de Macequece. — O Principe subindo para a carruagem afim de se dirigir para a residencia do chefe da circumscripção de Manica

zes estão directamente tão interessados, e á questão dos Balkans em que os dois governos tanta vantagem tem em se pôr d'accordo? E' preciso não esquecer que na questão dos Balkans vae incluída a questão dos Dardanellos, que para a Russia é capital, e em que a Inglaterra tem não menor interesse. O que significa, pois, o silencio a tal respeito, quando o momento era mais do que nenhum azado para resolvêr de vez estas questões?

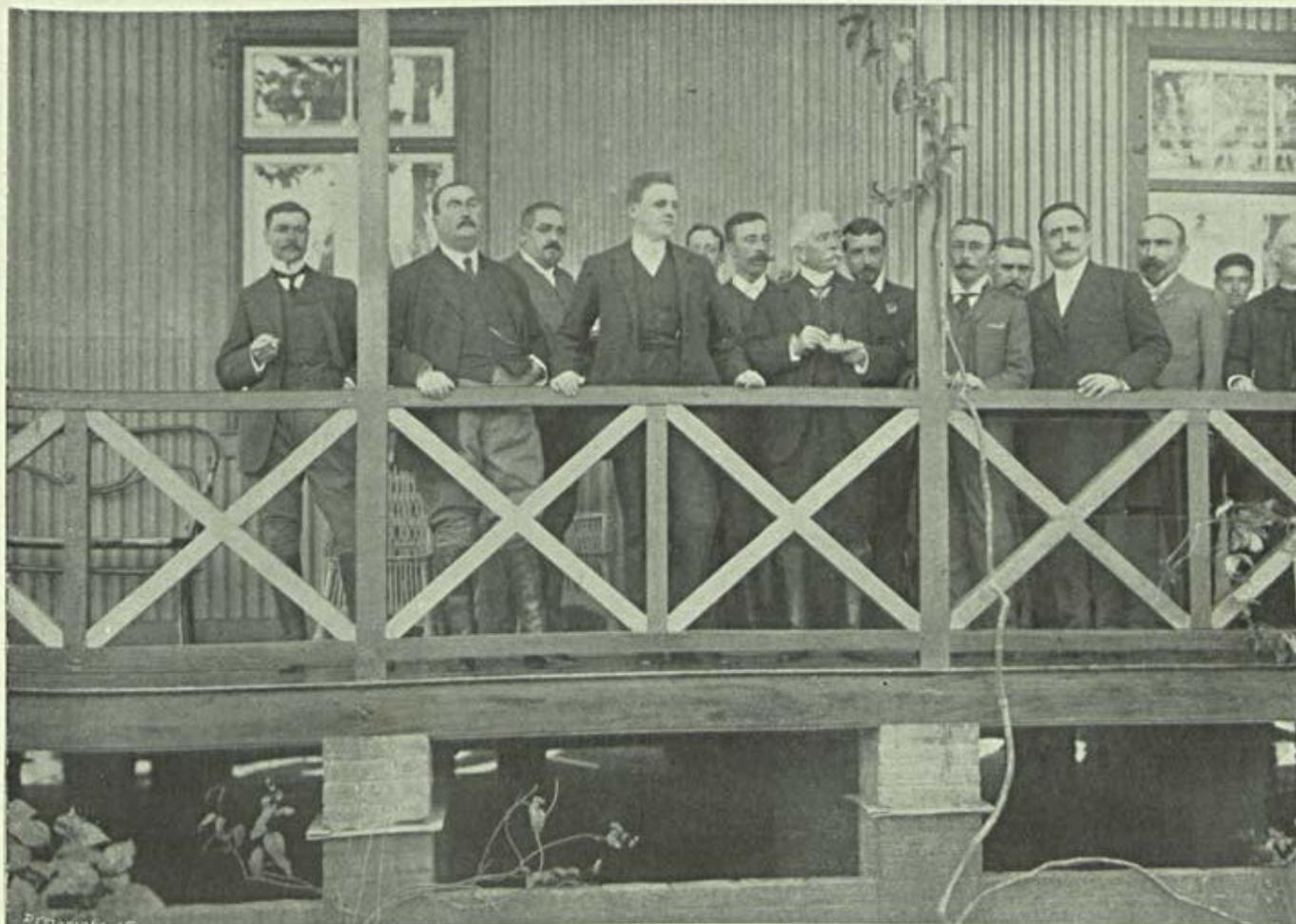
Três hypotheses naturalmente se apresentam para explicar a apparente anomalia — a existencia de alguma clausula secreta relativa ás questões em que no tratado publicado se não falla; a negociação de um novo accordo complementar, especialmente reservado á questão do caminho de ferro de Bagdad e ao problema dos Balkans, e dos estreitos; e finalmente a desnecessidade de novo accordo por se suppôr que, dada a harmonia no que se refere á Asia central, o resto é uma consequencia d'essa harmonia e da communitade de interesses das duas nações e resolver-se-ha por assim di-

que tão alto se proclama. Ha, porém, quem acredite o contrario do que se affirma, exactamente pela insistencia com que se repete. E talvez estes tenham razão...

Que o accordo anglo-russo pôde ser um instrumento de paz, não ha duvida. Basta elle ter acabado com a inquietadora situação em que se encontravam respectivamente as duas grandes potencias asiaticas, para elle ser bem vindo para todos os amigos da civilização.

E' um perigo de menos, e que perigo! que deixa de nos ameaçar.

Que elle não tenha sido gizado com o fim ostensivo de prejudicar qualquer terceira potencia, tambem não ha duvida. O proprio interesse dos dois contractantes é d'isso seguro fiador. Mas as cousas são o que são, e os factos não se alteram na sua significação pelo rotulo que as chancellarias lhes põem. O accordo anglo russo é, pela fatalidade dos acontecimentos, dirigido contra a Allemanha,



(Cliché de J. Wexelsen).

Viagem do Principe Real

Sua Alteza na residencia do chefe da circumscripção de Manica

Da esquerda para a direita: — Conde da Ponte — Ayres d'Ornellas — Alberto Celestino Ferreira Pinto Basto, governador do territorio de Manica e Sofala — Sua Alteza o Principe Senhor D. Luiz Philippe — Marquez do Lavradio — Freire d'Andrade, governador geral da provincia de Moçambique — coronel Antonio Costa — Newton, commandante da canhoneira *Manduei* — D. Alvaro de Saldanha e Castro, intendente do governo na cidade da Beira — João Pery de Linde, chefe interino da circumscripção de Manica — Hygino Durão, secretario do ministro da marinha — José Francisco da Silva, chefe do gabinete do ministro da marinha e conego Costa

zer automaticamente sem a intervenção de mais instrumentos diplomaticos *ad hoc*.

Qual d'estas hypotheses seja a verdadeira é difficil, pelo menos por agora, averigual-o. Qualquer d'ellas apresenta plausibilidade e tem a defendel a valiosos precedentes. O que é indubitavel é que tem um grande passo, o primeiro se quizerem, está dado para o accordo definitivo dos dois imperios. Esta nova fórma dos accordos substitue actualmente a antiga das alianças, mas no fundo as duas combinações equivalem se e o seu effeito na politica internacional é o mesmo.

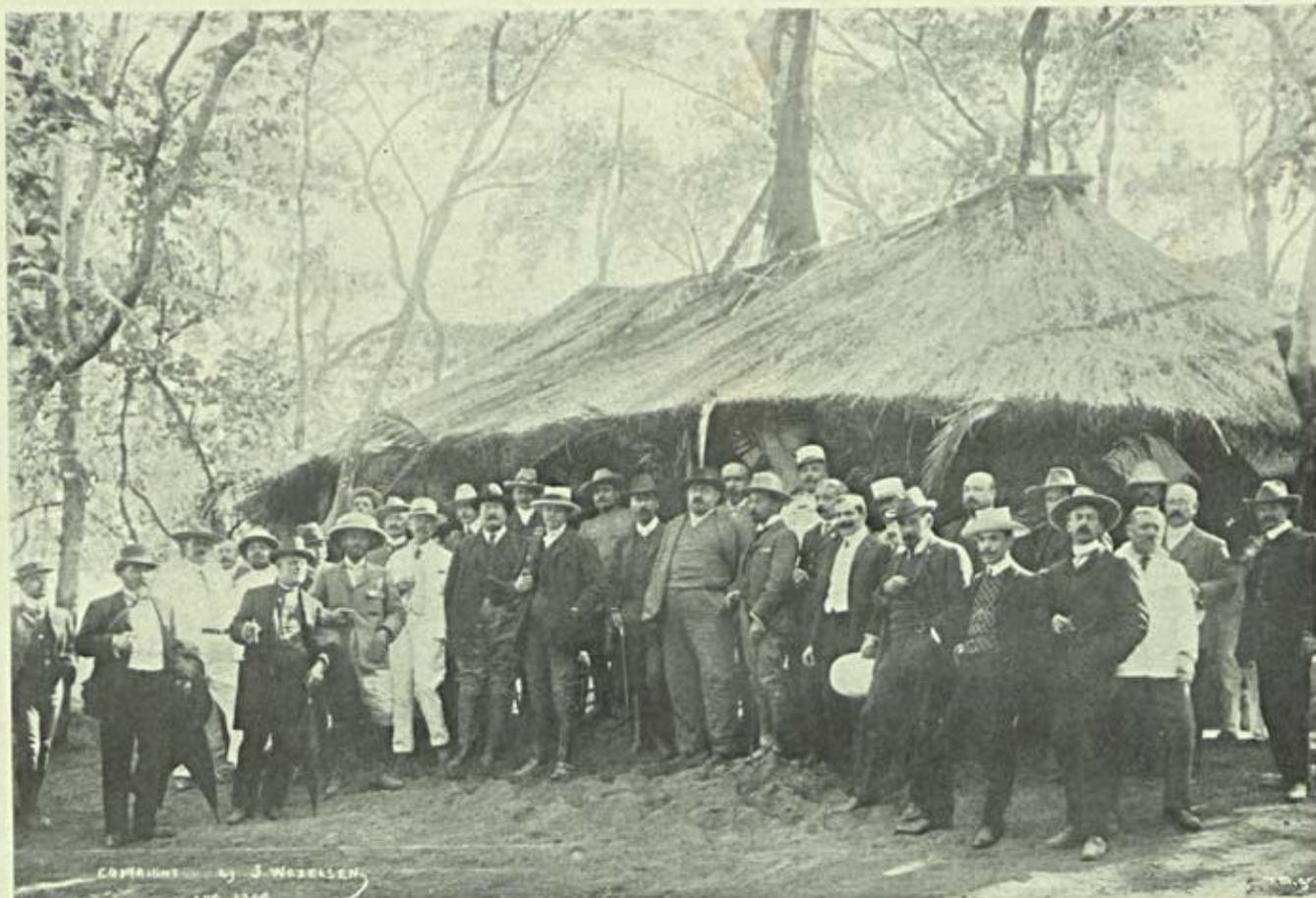
A aliança, pois, anglo-russa, que ainda ha dois annos parecia apenas uma phantasia de sonhadores, esta feita e ninguem pôde duvidar das suas immediatas consequencias internacionaes.

Que o recente accordo é um instrumento de paz e não foi negociado contra nenhuma potencia, não cessam de repetil-o em todos os tons os jornaes inglezes e russos, os mais directamente interessados no assumpto. A imprensa allemã, de uma notavel reserva sobre o facto, finge no entretanto acreditar na verdade

como o foram antes d'isso a alliança anglo-japoneza, a *entente cordiale*, o accordo franco italiano, e o accordo anglo-hespanhol. Podem os politicos e os diplomatas tentar illudir-se, ou melhor illudir os outros. As cousas são o que são, e para nada servem estas hypocrisias convencionaes, de que são os primeiros a sorrir se os que mais parecem n'ellas acreditar. O accordo anglo-russo é o ultimo anel que acaba de sellar-se na cadeia, que por todos os lados envolve a Allemanha, isolando-a no centro da Europa por um circulo de ferro. A unica alliança, com que o Kaiser pôde contar, é a da Austria e essa mesmo bem precaria, não só pelo ponto fraco da Hungria, mas ainda porque não será difficil demonstrar aos Hapsburgos, que o seu mais terrivel inimigo é esse imperio allemão, que lhe cobiça com uma parte dos seus estados a ambicionada sahida para o Adriatico.

Não admira, pois, que a imprensa allemã, embora finja acreditar que o novo accordo em nada prejudica o "Deutsches Reich", mostre uma bem justificada apprehensão pelo que em volta da Allemanha se está passando. Que diria Bismarck, se pudesse erguer-se da sepultura e visse o estado em que os inhabeis pilotos, que o expulsaram de bordo, deixaram a não que elle com tão rara fortuna commandou?!...

CONSIGLIERI PEDROSO.



Viagem do Príncipe Real

Sua Alteza em Manica. — Depois d'um «lunch» da serra Isitaca

Da esquerda para a direita: — Vicente Lopes — dr. Barros da Fonseca — Fitz Gerald — padre Damasco — conego Costa — coronel Antonio Costa — Baptista Coelho — Douglas — Marquez do Lavradio — Ayres d'Ornellas — Conde da Ponte — Sua Alteza — Pery de Linde — Freire d'Andrade — Pinto Basto — José Francisco da Silva — D. Alvaro de Saldanha e Castro — A. Libanio dos Santos — Luiz Gonzaga — Vaz de Victoria — João Plantier — Sessinando Ribeiro Arthur — Isaias Newton — Paul Pacotte — Antonio Serpa — Thomaz Macdonald — Boaventura Tomixa Gardão — King — João G. d'Almeida, etc.

Theatros

D. Maria, Mar de lagrimas. — Avenida, P'ra frente. — Rua dos Condes, O Messias. — Trindade, D. Amelia, Principe Real, Gymnasio, Colyseu dos Recreios.

Os srs. Jorge Santos e João Gouveia, dois moços de talento já revelado, quizeram provar que não ha assumptos exgotados e que até o celibato ecclesiastico, o mais debatido de todos, e em todas as formas da arte, sem excluir a polemica ora violenta ora erudita, dava margem ainda a uma obra de teatro.

E aqui é justo confessar que elles tiveram o alto criterio de se eximirem a um trabalho de these, em que forçosamente haviam de apparecer os Jocelyns e os Euricos com os seus sentimentos arrebatados e os seus estafados argumentos.

Não, limitaram-se a dar fórma theatral a um episodio de amor, em que o protagonista é um padre, que para evitar um conflicto de familia e para não sacrificar a uma paixão absorvente a gratidão que deve ao pae, faz o enorme sacrificio de renunciar ao unico amor da sua mocidade, e diz a primeira missa no momento em que a morte fulmina aquella que prefere morrer a casar com outro.

Este simples e delicado episodio matisaram no os auctores de formosas scenas e de commoventes dialogos, e o conflicto do amor esmagado pelo destino sae tão limpido da obra de teatro, que muitos olhos se marejaram de lagrimas ante o desenrolar das situações que sem attingirem o alto drama não deixam de ser dramaticas.

Dois artistas se salientaram no desempenho; Ignacio, esplendido na sua caracterisação de velho ilheu, e Adalina Abranches a que morreu de amor.

Muito correctos nos seus papeis Luiz Pinto, Anna Pereira, Joaquim Costa, Pinto Costa e Araujo Pereira. A acção passa-se na Madeira, e os scenographos imprimiram uma verdadeira cor local ás scenas mais interessantes.

Auctores e artistas foram varias vezes chamados ao proscenio, e a todos o publico garantiu o valor do seu trabalho com prolongados e sinceros applausos.

Quem pôde contestar que uma revista de anno é o genero thea-

tral de mais seguro effeito para o publico e de mais larga duração para o cartaz?

Ahi teem no **Avenida P'ra frente**, original de dois auctores desconhecidos e ornada com musica dos maestros Calderon e Del-Negro.

Afasta-se muito a nova revista das peças do mesmo genero? Não, decerto, nem d'isso precisa para que triumphe, mas é justo affirmar que os novos elementos que n'ella entram teem originalidade e valor, dispõem bem o publico, e mostram que os srs. Ayres da Costa e Camaño Garcia encontraram porventura o seu filão, e



Viagem do Príncipe Real

Atravessando o rio Revue para visitar a mina Pardy
(Clichs de J. Wexelsen).

O RAID AZININO

descobriram o genero, a que, mais affeitos de futuro, pode dar ao seu trabalho compensações e victorias.

Não ha duvida que o segundo acto da revista é o melhor. Podia firmal-o qualquer dos consagrados na especialidade. As situações que apresenta de critica á politica actual são o que pode chamar se uma verdadeira *trouaille*. E vem aqui o frisar com assombro a inesperada tolerancia com que por ordem do governo a policia permite beliscões e facadas na lei que regula os theatros. Este reparo não é uma censura. Censura, e violenta, temos feito mais de uma vez ás durezas e exigencias d'essa lei que pretendeu trocar a antiga e desafortada liberdade de apresentar e ridicularisar no theatro figuras conhecidas, pela censura inquisitorial, pela absoluta prohibição de dar largas ao espirito, de que resultava serem os auctores ultimamente obrigados a produzir obras apagadas e insossas.

Coherente, ou incoherente, tem o sr. João Franco a virtude de passar por cima d'essa legal e falsa orientação, e de considerar atiladamente que *de minimis non curat pretor*. E' que elle recordou decerto, ao saber-se apanhado em scena, aquelle pittoresco episodio entre Rodrigo da Fonseca e o marechal Saldanha. Era o marechal deveras *apepinado* n'uma revista de anno, e entendendo que a sua alta categoria no exercito soffria com essa caricatura ás suas grandes qualidades militares, foi queixar-se ao ministro e pedir-lhe que prohibisse a representação da revista.

— Perdó-me V. Ex.^a, respondeu o arguto estadista, mas isso não faço: Doe-me a consciencia de ir tirar o pão a tanta gente. Todavia ha remedio para tudo. V. Ex.^a dá se ao incommodo de ir ao theatro e ordena á empreza que o tirem da Revista e me ponham lá a mim.

O duque comprehendeu, sorriu e não falou mais em tal.

N'esse ponto, honra lhe seja, o sr. João Franco é do estofo tolerante de Rodrigo da Fonseca Magalhães.

Les beaux esprits se rencontrent — pensará elle ao ler estas palavras. Pois olhe que lhe não levamos nada por ellas.

Mas, voltando á vacca fria, tem grandes qualidades de exito a Revista da Avenida.

O *compadre* torna viagem, que é o actor Sarmiento, e o jornalista despedido que lhe serve de cicerone, e de que tira largos effeitos Alfredo de Carvalho, são duas verdadeiras figuras de revista, muito bem aproveitadas, e apresentadas com proporção e arte. Outra figura comica, pela estupidez e pela brutalidade, é o policia, em cuja farda convencional brilham á farta os muitos recursos de Alvaro Cabral.

A Carmen Cardoso e Rentini são confiados os mais importantes papeis da peça, a que ellas dão relevo representando e cantando.

Todos os outros artistas desempenham com a costumada correcção os seus papeis e justo é confessar que não vemos ha muito uma companhia tão bem organizada, e tão rica de elementos variados.

Accrescente-se que a musica tem trechos excellentes, que é primoroso o guarda-roupa, e os trabalhos de scenographia, em que destaca, pela exactidão com que está reproduzido, o theatro do Largo do Paraizo de Lisboa, trabalhos devidos aos pinceis de Reis, Pina, Salvador e Samarani, bastando, para lhes aquilatar o valor, citar estes nomes.

O publico enche todas as noites o theatro e glorifica por egual auctores e artistas.

Outra revista está explorando a **Rua dos Condes**, mas essa era já conhecida do publico que frequenta a feira de Belem. E' o *Messias* e este titulo basta a indicar a personagem que elle visa.

Pelos preços em que a estes espectaculos se assiste pode dizer se que a **Rua dos Condes** é, por excellencia, o theatro popular de Lisboa. E comtudo a companhia, apesar de modesta, dispõe de elementos bons, duas actrizes, Isabel Costa e Maria Tavares, valorissimas, e a peça, que tem graça e é bem posta em scena, agrada e promete vida longa.

A *Lenda do Folle* e a *Mulata*, de que já nos occupámos, continuam a attrahir á **Trindade** o seu publico favorito, sendo cortadas essas representações com as *Tangerinas Magicas* que teve o exito seguro e incondicional de todas as magicas, o mesmo que n'outras épocas obteve esta mesma que é já famosa.

D. Amelia vae abrir com um elenco e uma companhia que lhe asseguram noites de enchentes colossaes. Além d'isso as celebridades que promete apresentar, as grandes orquestras estrangeiras que vão mais uma vez deslumbra a *élite* do nosso publico com a divina arte, as peças originas de Marcellino Mesquita e Scwaldbach, tudo isso faz antever n'aquelle theatro noites sensacionais, d'aquellas a que a habilissima empreza de ha muito habituou a população d'esta cidade.

No **Príncipe Real** inutil se torna falar. Enquanto o theatro durar e nós durarmos, durará no cartaz e em scena o *O' da Guarda*. Deixemos portanto continuar a sua marcha triumphal, demos um salto ao **Gymnasio**, não para ver peça nova mas para passar em revista as peças do repertorio que elle tem explorado o *Pae da Patria*, o *Cão e o gato*, e outras, e acabemos pelo **Colyséu dos Reinos**, que tem este anno uma companhia grande, esplendida e que, com o admiravel numero dos tigres, está arranjando lesões de coração á cidade de Lisboa, tal é o effeito sensacional que nós todos experimentamos todas as noites ao ver Mr. Henrikssens, dentro da jaula, dominar as suas dez feras, com os olhos, com a vontade, com a energia.

JAYME VICTOR.



Os concorrentes momentos antes da partida

MORS-AMOR

Esse negro corcel cujas passadas
Escuto em sonhos quando a sombra desce,
E passando a galope me apparece
Da noite nas phantasticas estradas,

D'onde vem elle? Que regiões sagradas
E terriveis cruzou, que assim parece
Tenebroso e sublime, e lhe estremece
Não sei que horror nas crinas agitadas?

Um cavalleiro de expressão potente,
Formidavel mas placido no porte,
Vestido de armadura relusente,

Cavalga a fera estranha sem temor
E o corcel negro diz: «Eu sou a Morte!»
Responde o cavalleiro: «Eu sou o Amor!»

Anthero do Quental.

BIBLIOGRAPHIA

Apotheose humana de M. Joaquim Dias

O auctor d'este valioso livro de versos não é um desconhecido. Outros volumes com o seu nome á frente precederam a *Apotheose humana* e deixaram altamente cotados os seus creditos de poeta, que parece caprichar em valorisal-os ainda em cada livro que apparece, como se tomasse a peito o demonstrar que é fecunda e inexgotavel a musa açoriana.

A *apotheose humana*, cuja amavel dedicatória penhora o *Brasil-Portugal*, é como o titulo o indica e o auctor proficientemente o explica n'um bello prefacio, a glorificação do homem e do trabalho humano.

E', pois, obra de largo folego, em que o poeta acompanha a par e passo a marcha da humanidade, mostra o homem triumphante nas luctas do passado, põe em relevo o ideal do Bem para onde elle caminha, e considera o seu livro um hymno com que pretende colaborar no poema da humanidade.

Escrepto em impeccaveis parellhas de alexandrinos, o novo livro do sr. M. Joaquim Dias, sobre ser uma obra philosophica é uma obra de arte, e este duplo motivo nos leva a recommendal o aos que presam as boas letras.

Alfredo Keil

Ao mesmo tempo poeta, pintor e musico, Alfredo Keil, apesar da sua origem estrangeira, era um portuguez digno de o ser e por isso a noticia da sua morte, circulando rapida pela capital e passando d'aqui para a provincia, em todos causou profundo



Alfredo Keil

(† em Hamburgo a 4 d'outubro de 1907)

pesar. Todos sentiram que tinha morrido um homem, e um homem a valer faz sempre falta!

De tal fórma a alma de Alfredo Keil se tinha identificado com o caracter nacional que em todas as suas obras deixou sentidamente



Alfredo Keil

Photographia tirada no Hospital de S. José depois da operacão que lhe foi feita

(Cliché de A. C. Lima).

impresa a nota patriotica. O povo conhecia-o desde que elle lhe ensinara a *Portuguesa* e nada mais era preciso para que o nosso bom povo o estimasse.

Esse hymno, nascido do movimento patriotico iniciado por occasião do *ultimatum* inglez de 11 de janeiro de 1890, cantado pela primeira vez no theatro da Alegria, quando ahi se representava a *Torpeza*, de Antonio de Campos Junior, que então se tornou tambem conhecido do publico, agradou porque todos viram n'elle um canto de desforra ao mesmo tempo altivo e sentimental, heroico e meigo, em tudo bem portuguez, pela musica, pelos versos, pela idéa que o tinha inspirado e pelo sentir dos que o consagravam.

A *Portuguesa* teve um successo delirante. Era cantada e tocada por toda a parte e em especial nos theatros, onde era repetida duzias de vezes, antes de levantar o panno, e sempre ouvida de pé e de cabeça descoberta. A reputação de Alfredo Keil como compositor estava feita, porque o seu merecimento tinha passado do dominio dos amigos e dos entendedores para o dominio do povo que, como ninguem, sabe sentir n'um relance o valor dos grandes artistas.

Mais tarde foi prohibida porque se viu n'ella um hymno revolucionario, mas essa prohibição nada teve a nosso ver que a justificasse. Nem a musica foi inspirada por qualquer idéa politica nem os versos defendem nem offendem qualquer idéa partidaria. Justamente porque assim é, justamente porque é simplesmente patriotico, é que, ao contrario de ser prohibido, se impunha com todos os requisitos para ser adoptado como hymno que nenhum partido poderia justificadamente repudiar.

Os poderes publicos, ao mesmo tempo que praticavam uma grande obra patriotica, prestariam a melhor homenagem ao fallecido, mandando levantar a prohibição e ordenando que a *Portuguesa* fosse inscripta no numero dos nossos hymnos nacionaes. D'esta fórma evitar se-hia que, despresada pelo governo constituído, viesse a ser adoptada por qualquer partido revolucionario, que assim tomaria posse por completo do que só em parte lhe pertence porque de todos é.

Falta-nos a competencia para apreciar a obra de Alfredo Keil e por isso d'ella não falamos.

Estas linhas apenas teem por fim prestar uma homenagem á memoria do fallecido e enviar a sua familia a expressão do nosso maior pesar.

Uma errata... imprescindivel

Nos versos que publicámos com o titulo *Redempção*, firmados pelo sr. visconde de S. Boaventura, sahio um verso errado por fórma, que não basta para emendal-o a intuición do leitor.

E' portanto indispensavel a errata, porque não podem andar por mãos alheias os credits do poeta.

Aqui fica portanto.

Zombára do pudôr, fôra uma vil megera

Entendera o nosso revisor que pudôr e poder eram synonymos e d'ahi o erro que assim emendamos a tempo.

Assumptos religiosos



Nossa Senhora da Esperança

Quadro existente no Museu Nacional das Bellas Artes attribuido a Grão Vasco

(Cliché de F. Martins — Lisboa).

A PORTUGUEZA

Musica de Alfredo Keil

Marcha

Poesia de Lopes de Mendonça

Marchal

Heroes do mar, no - - - bo

po - vo. Nação va - len - te. im - mor - tal, Le - van - ta - e ho - je de no - vo O - splen -

dor de So - ber - ga - l! En - tre as brum - as da me - mo - ria, Oh pa - tria sen - te - se a

voz Dos - teus o - gres - gios a - vos Lus - ía - de - qui - ar - te à vic - to - ria. Ho

as - - mas, as ar - - mas! so - bre a ter - ra, so - bre o mar. No ar - - - mas as

ar - - mas. So - la pa - tria lu - etar! Con - tra os can -hões mar - char! . . .

pp *cres: poco a poco*

ff

pp

mf

ff

I

Heroes do mar, nobre povo,
Nação valente, immortal,
Levanta hoje de novo
O esplendor de Portugal!
Entre as brumas da memoria,
Oh patria sente-se a voz
Dos teus egeijos avós
Que ha de guiar-te á victoria!

A's armas! sobre a terra, sobre o mar,
Pela patria lutar!
Contra os canhões marchar!

II

Desfalda a invicta bandeira
A' luz viva do teu ceu,
Brade a Europa á terra inteira:
Portugal não pereceu!
Beija o solo teu jucundo
O oceano, a rugir d'amor;
E o teu braço vencedor
Deu mundos novos ao mundo!

A's armas! sobre a terra, sobre o mar,
Pela patria lutar!
Contra os canhões marchar!

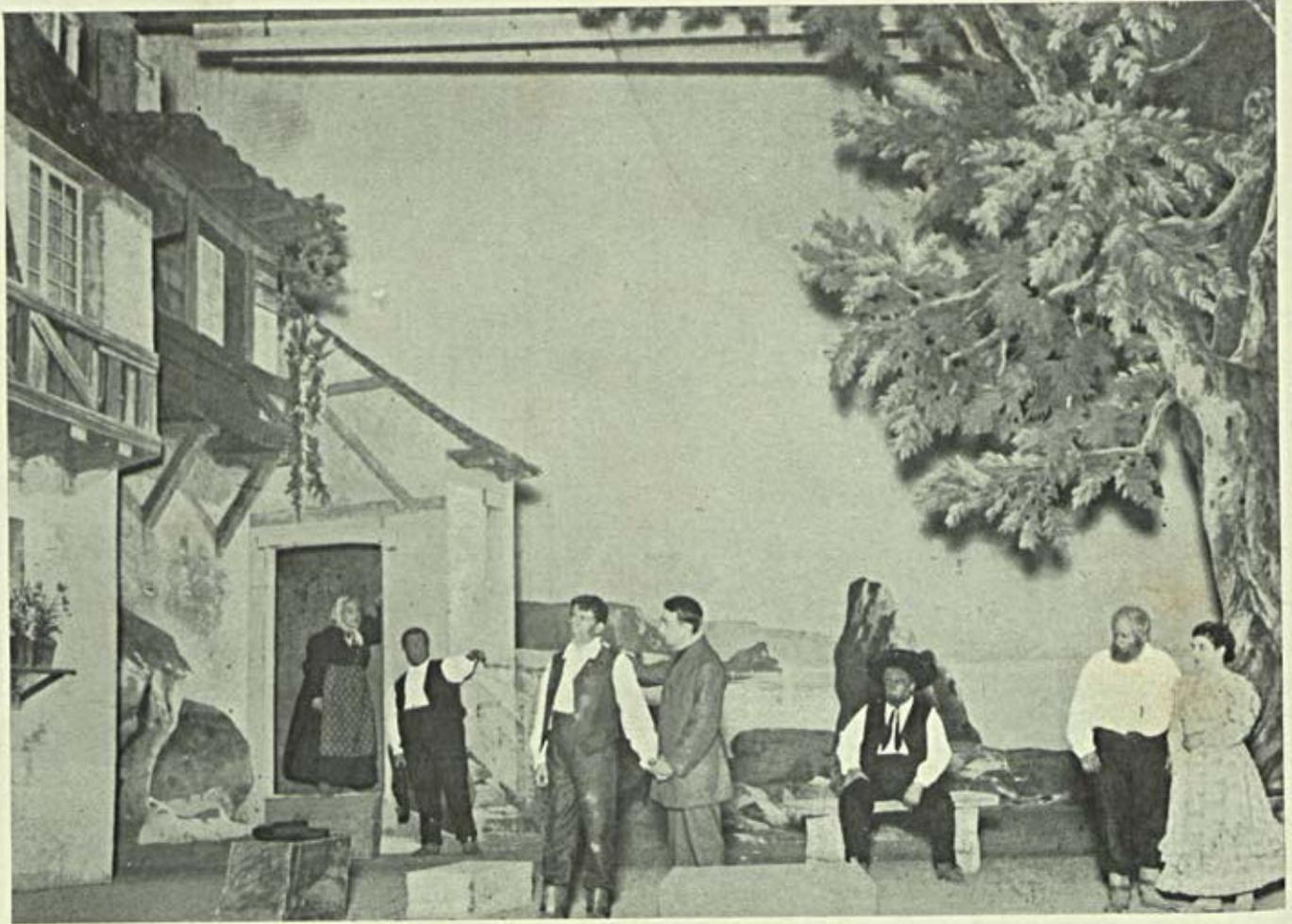
III

Saudae o sol que desponta
Sobre um ridente porvir;
Seja o echo d'uma affronta
O signal do resurgir.
Raios d'essa aurora forte
São como os beijos de mãe,
Que nos guardam, nos sustem
Contra as injurias da sorte.

A's armas! sobre a terra, sobre o mar,
Pela patria lutar!
Contra os canhões marchar!

MAR DE LAGRIMAS

Peça em 3 actos de Jorge Santos e João Gouveia, actualmente em representação no theatro de D. Maria II



2.º acto



(Clichés de A. C. Lima).

3.º acto